



Stela do Patrocínio: tecendo uma figura cindida de si

Stela do Patrocínio: Weaving a Split Figure of Herself

Autoria: Bruna Cassiano

 <https://orcid.org/0000-0001-9230-3241>

Autoria: Hildália Fernandes

 <https://orcid.org/0000-0001-8236-8121>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180131>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180131>

Recebido em: 18/12/2020. Aprovado em: 16/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

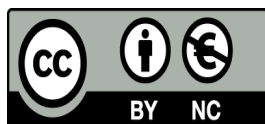
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

CASSIANO, Bruna; FERNANDES, Hildália. Stela do Patrocínio: tecendo uma figura cindida de si. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 318-334, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180131>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180131>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

stela do patrocínio: tecendo uma figura cindida de si

Stela do Patrocínio: Weaving a Split Figure of Herself

Bruna Cassiano¹ e Hildália Fernandes²

Universidade Federal da Bahia – UFBA

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180131>

¹ Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Especialista em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e da Escrita pela mesma instituição. Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, pesquisa e escreve sobre narrativas de mulheres negras na diáspora. E-mail: bruna.lmbcassiano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9230-3241>.

² Hildália Fernandes Cunha Cordeiro é doutoranda no Programa Literatura e Cultura no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, bolsista CAPES, pesquisadora sobre escrita literária de mulher negra na diáspora, mestra em Educação e Contemporaneidade pela UNEB, educadora e escritora. E-mail: hildaliafernandes@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8236-8121>.

Resumo

Neste trabalho, buscamos analisar fragmentos do “falatório” de Stela do Patrocínio, narradora de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), discutindo a especificidade do seu modo de abordar os afetos que a atravessavam. Vislumbramos, antes de tudo, apresentar e difundir as palavras, o legado de Stela, uma mulher simultaneamente única e plural. O seu valor recobre a existência de várias mulheres negras que, como ela, findaram “quebrando” mediante a um sistema racista que ceifa a saúde da população negra historicamente. Mesmo em condições insalubres, a sua intelectualidade, notável no olhar crítico que lançava à sociedade e suas instituições, irrompia insurgentemente. Para a feitura do trabalho, partimos do método da colcha de retalhos (hooks, 2019), entrelaçando diversos trechos da obra em foco às considerações de Grada Kilomba (2019), Beatriz Nascimento (1989), Audre Lorde (2019) e bell hooks (2019). Dessa maneira, organizamos este artigo em três partes: em um primeiro momento, apresentamos a autora e o contexto de produção do *corpus* em análise; na sequência, discutimos sobre a perda e busca da imagem no falatório de Stela do Patrocínio e, por fim, abordamos a relação entre *quimeras narrativas* (CYRULNIK, 2009) e *banzo* (NUNES, 2019) no discurso da narradora.

Palavras-chave

Stela do Patrocínio. Falatório. Memória.

Abstract

In this work, we analyze fragments of Stela do Patrocínio's “falatório”, the narrator of *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), discussing the specificity of his way of approaching the affects that went through it. We envision presenting and spreading the words, the legacy, of Stela, a woman simultaneously unique and plural. Its value covers the existence of several black women who, like her, ended up “breaking” through a racist system that has reaped the health of the black population historically. Even in unsanitary conditions, his intellectuality, notable in the critical eye she cast on society and its institutions, broke out insurgently. We started this article with the patchwork quilt method (hooks, 2019), interweaving several parts of the work in focus to the considerations of Grada Kilomba, Beatriz Nascimento, Audre Lorde and bell hooks. Thus, we organized this article in three parts: in a first moment, we present the author and the context of production of the corpus under analysis; next, we discussed the loss and search for the image in the talk of Stela do Patrocínio and, finally, we approached the relationship between narrative chimeras (CYRULNIK, 2009) and *banzo* (NUNES, 2019) in the narrator's discourse.

Keywords

Stela do Patrocínio. Chatter. Memory.

introdução às águas turbulentas de stela do patrocínio

Stela do Patrocínio nasceu em 9 de janeiro de 1941 no Rio de Janeiro. Filha de Zilda Xavier do Patrocínio e Manoel do Patrocínio, estudou até o antigo ensino secundário e se tornou interna do Centro Psiquiátrico Pedro II aos 21 anos. Passou, ainda, por uma transferência em 1996 quando foi para a Colônia Juliano Moreira, local onde sua mãe também se encontrava, mas não chegaram a se ver. Nessa última instituição, permaneceu até aos 52 anos quando foi a óbito com infecção generalizada após a amputação de uma das pernas devido ao quadro de diabetes grave (hiperglicemia).

Em seu diagnóstico constava: “personalidade psicótica mais esquizofrênica hebefrênica³, evoluindo sob reações psicóticas.” (MOSÉ, 2001, p. 15). No transcender do laudo, encontramos uma mulher que lutou, todos os dias, contra a mortificação do seu dilacerado eu, estado esperado em instituições totais como defende Goffman (1990).

De uma ferida que não chegou a fechar, passou os últimos tempos sem comer e em absoluto mutismo, logo ela que fez de um “falatório” razão para permanecer viva, se agarrando como podia a fiapos de consciência e lucidez. Vê-se, dessa forma, que mais da metade da vida foi realizada em confinamento, três décadas, e o que se sabe é que nunca chegou a receber visitas de parentes. Esquecida pelo mundo que tantos maus tratos lhe destinou, se não usasse a oportunidade de registrar as atrocidades cometidas contra si, certamente, seria emblemática no que Butler (2016) denominou de “vida precária” e não passível de luto. Antes desse silêncio a que foi lançada, Stela do Patrocínio permitiu que esse falatório, como ela mesma caracterizava, fosse capturado em uma série de gravações, tornando-a nacionalmente conhecida:

Nós estamos sentados numa cadeira procurando mesa
 Procurando falatório
 Procurando gravar o falatório todo
E eu antes não sabia de nada disso
Isso tudo pra mim é velho
 E eu não sabia de nada disso
 Não tinha uma noção uma ideia
 Do que era isso tudo
 Não tinha
Aprendi quando vocês vieram me visitar.
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 130; grifo nosso).

³ A esquizofrenia hebefrênica é “caracterizada pela presença proeminente de uma perturbação dos afetos; as ideias são delirantes e as alucinações são fugazes e fragmentárias [...]. O pensamento é desorganizado e o discurso incoerente. Há uma tendência ao isolamento social.” (SOARES; GONCALVES; WERNER JUNIOR, 2011, p. 239).

Os trechos em destaque nos levam à compreensão de que organizar os eventos da ordem do traumático em uma narrativa auxilia, sobremaneira, na atribuição de novos significados a esses mesmos acontecimentos. Antes de ser incitada a falar e a registrar as atrocidades experienciadas, Stela do Patrocínio aparentava dispor a fala em repouso, em um possível estado de decantação. Mas no instante em que era convocada a compartilhar determinadas vivências, observava irromper a verborragia que caracteriza o seu falatório: toda a vida era, dessa maneira, posta em análise mediante à escuta atenta de visitantes responsáveis por essas gravações.

Entre os anos de 1986 e 1988, a estagiária de psicologia Mônica Ribeiro de Souza coletou e transcreveu os áudios de Stela. Tempos depois, as transcrições deram origem ao livro *Reino dos bichos é o meu nome*, organizado por Viviane Mosé e publicado pela editora Azougue em 2001. Segundo Mosé (2009, p. 14), o diferencial de Stela do Patrocínio era a sua fala, pois “[...] ao contrário das outras internas, que aceitavam se relacionar com tintas e papéis, ela preferia a palavra. E parecia ter clareza desta preferência. Em sua fala desconcertante, incisiva, cada sílaba era pronunciada com gosto.” A organizadora do livro acrescenta: “Stela falava de sua própria fala, o que implica em uma operação ainda mais elaborada: falar sobre o falar nada mais é do que mais uma vez se desdobrar.” (MOSE, 2009, p. 25).

O falatório dela pode ser pensado, portanto, como operador teórico e clave analítica a partir da qual é possível compreender o tempo e o espaço nos quais estava inserida. Neste trabalho, será esse modo específico de narrar os afetos que guiará toda a análise proposta. Vislumbramos, antes de tudo, apresentar e difundir o legado de Stela, uma mulher simultaneamente única e plural. O seu valor recobre a existência de várias mulheres negras que, como ela, findaram “quebrando” mediante a um sistema racista que ceifa a saúde da população negra historicamente. Mesmo em condições insalubres, a sua intelectualidade, notável no olhar crítico que lançava à sociedade e suas instituições, irrompia e surpreendia todos ao redor.

Logo, Stela é uma emblemática representante de uma coletividade que muito interessa: a de mulheres negras nas quais o racismo e seus derivados acabou por provocar danos irreparáveis, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, Neusa Souza Santos, Beatriz Nascimento, dentre tantas outras. Trazer a público não só essa mulher como as demais auxilia a (re)pensar o lugar que elas deveriam ocupar na cena intelectual brasileira e para muito além desse contexto. Publicizar seus feitos nos ajuda a (re)fazer uma história de exclusão e prisões sistematicamente impostas a corpos negros e dissidentes, lidos como corpos incapazes, esvaziados, raramente lidos como intelectuais. Em detrimento disso, partimos de uma noção alargada de intelectualidade apresentada e defendida por Santiago (2017, p. 55), segundo o qual cabe ao intelectual:

problematizar o vivido e já pensado; atualizar e, se necessário e possível, ressignificá-lo; questionar, compreender e provocar o presente, o ainda não explicável; historicizar e interpretar pensamentos e conhecimentos já construídos; enfrentar dramas humanos, sociais; e, quiçá, projetar, desenhar sonhos, utopias, projetos, distopias etc.

À medida que acessamos a narrativa de Stela, percebemos que sua existência naquele hospital psiquiátrico estava destinada a refletir sobre as circunstâncias nas quais está envolta, produzindo, através da fala, conhecimentos sobre “fatos históricos, dramas, realizações humanas e sociais [...]” (SANTIAGO, 2017, p. 77). Organizando e compartilhando as próprias perspectivas oralmente, colocava em prática o que Audre Lorde (2019) aponta como uma urgência: “transformar o silêncio em linguagem e ação”. De acordo com a intelectual afro-americana, esse gesto corresponde a uma “auto-revelação” diante de um contexto em que o medo da fala e os seus perigos predominam. A autora acrescenta:

A máquina vai tratar de nos triturar de qualquer maneira, tenhamos falado ou não. Podemos nos sentar num canto e emudecer para sempre enquanto nossas irmãs e nossas iguais são desprezadas, enquanto nossos filhos são deformados e destruídos, enquanto nossa terra está sendo envenenada, podemos ficar quietas em nossos cantos seguros, caladas como se engarrafadas, e ainda assim seguiremos tendo medo. (LORDE, 2019, p. 51).

Em meio às violências impostas ao seu corpo negro, por certo tempo, Stela do Patrocínio ergueu a voz (hooks, 2019a), demonstrando estar consciente de que “a linguagem é também um lugar de luta” (hooks, 2019a, p. 73). Experimentando “a fala desafiadora” (hooks, 2019a, p. 35), sistematizava as ideias acerca das memórias que marcavam a sua trajetória. Por essa razão, a premissa de Audre Lorde será fundamental em todo este trabalho. Alimenta-se a hipótese de que Stela narrava-se para não padecer, estando imersa em exercício ininterrupto de tentar atribuir sentidos e significados ao brutalmente vivido. Rompendo o silêncio, simbolizava os traumas causados por episódios de racismo cotidianos (KILOMBA, 2019). Assim, externava ao mundo questões que, apesar de se configurarem, em muitos casos, como de foro íntimo, apontam também para vivências coletivas, posto que muitas de nós passamos por demandas próximas daquelas por ela experienciadas.

Partindo do método da colcha de retalhos (hooks, 2019b), entrelaçando diversos trechos da obra em foco às considerações de Grada Kilomba (2019), Beatriz Nascimento (1989), Audre Lorde (2019) e bell hooks (2019), deixemo-nos levar pelas turbulentas águas em correnteza do pensamento escombros de Stela. Afinal, é nos escombros (AUGEL, 2007), em meio à destruição, ao pó, que se podem encontrar corpos com vida. As vozes sobreviventes da narradora partiram do inóspito e venceram as distâncias para perdurarem em um intenso e escorregadio fluxo de fala. São as vozes de quem não se entregou enquanto *èém⁴*, sopro/hálito

⁴ As palavras em *yorùbá* são grafadas em itálico e apresentadas, neste ensaio, o mais próximo possível de como são grafadas em seu país de origem, a Nigéria. A escolha pela apresentação de vocábulos pertencentes a essa língua é política, uma forma de prestigiar o idioma dos que nos são mais próximos no afeto, e não o idioma do colonizador, imposto com violência sobre os povos que eles afirmam ter civilizado.

divino, e passou a compartilhar, desde então, as suas agruras e demandas. Permitamo-nos, por ora, conhecer o outro lado do espelho-muro onde se instalou e tentou se proteger Stela do Patrocínio, a “[...] bem patrocinada” (PATROCÍNIO, 2001, p. 58).

a perda e a busca da imagem no falatório de stela do patrocínio

A voz de Stela do Patrocínio reúne um compilado de opressões e de possíveis traumas, estes caracterizados como lesões psicológicas causadas por eventos drásticos (RODRIGUES; PANTOJA, 2008, p. 1). Se buscarmos a etimologia grega das palavras *traûma* e *traumatismós* encontramos as seguintes acepções: “ferida” e “ação de ferir”, podendo-se localizar também os sentidos de fratura e de ferimento aberto, longe de ser cicatrizado. Para Freud (2010), traumas podem ser interpretados como vivências de dor.

No caso de pessoas negras inseridas em sociedades racistas, a abordagem sobre trauma exige determinadas mudanças de paradigmas. Grada Kilomba em *Memórias da plantação* (2019) aborda o trauma colonial, localizando e atualizando as razões para a fratura psíquica de mulheres e de homens negros que absorveram e alojaram memórias de dor, cujo esquecimento é inatingível, “pois cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas(os) a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional.” (KILOMBA, 2019, p. 213).

A narrativa de Stela é um exemplo disso. O seu falatório sangrava um passado de dor e de perdas. Para Antonello e Gondar (2013, p. 167), “o trauma excede a possibilidade de assimilação do sujeito”. O resgate de eventos dessa ordem surge como mecanismo de defesa na tentativa de ressignificação. Mesmo sabendo que não existe palavra que possa equivaler integralmente ao que foi vivido, o sujeito busca, a todo custo, elaborar relato possível sobre o acontecimento que provocou a fratura. A característica própria do trauma é a repetição e, assim sendo, a narração torna-se necessária para a assimilação do que foi rompido, devassado.

Desse modo, observamos na fala de Stela um movimento constante de buscar compreender-se, assimilar-se, em meio à despersonalização do racismo e das demais violências à sua órbita. A expressão a intitular a obra de Stela, *Reino dos bichos é o meu nome*, é retirada de um contexto no qual a narradora debruça-se sobre si mesma à procura de um nome, uma imagem coesa que lhe caiba:

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
Os animais: dinossauro, camelo, onça
Tigre, leão, dinossauro,

Macacos, girafas, tartarugas
 Reino dos bichos e dos animais é o meu nome. [...]
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 118).

Um legado de desumanização recobre essa narrativa. Nos labirintos da palavra, Stela do Patrocínio perdia-se para se encontrar, percorrendo caminhos de cura e retornando com memórias traduzidas para quem desejasse ouvir o que tinha a dizer sobre si e sobre o mundo ao redor. Dessa maneira, denunciava a animalização de existências negras, reduzidas e esquecidas em instituições destinadas ao adoecimento psíquico de quem vive à margem do progresso no Brasil.

Concebendo verbalmente o próprio corpo como um signo, “[...] ente que reproduz uma estrutura social de forma a dar-lhe um sentido particular” (NOGUEIRA, 1999, p. 40), Stela nos conduz à transposição de sua condição humana à morte e, sucessivamente, à condição animalesca. Lançada nesse processo de aniquilação subjetiva, de perda de uma imagem original, variando entre ser “esqueleto humano”, ser “hospício” e, finalmente, ser “reino dos bichos e dos animais”, utiliza a palavra como mecanismo de significação da existência. A tese de ser bicho expande-se:

Antes eu era um macaco, à vontade
 Depois passei a ser um cavalo
 Depois passei a ser um cachorro
 Depois passei a ser uma serpente
 Depois passei a ser um jacaré.
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 114).

Stela do Patrocínio era um corpo vivo a rastejar nas margens do sentido, entre a sanidade e loucura. Mas apesar da despersonalização marcada em sua narrativa, não podemos abandonar a ideia de que discurso é poder. Munindo-se da palavra para registrar a sua existência, a narradora exercia uma autonomia, lutava por um discurso sobre si mesma (SOUZA, 1983). Nas palavras de Grada Kilomba (2019, p. 28), nos tornamos sujeitos quando nos tornamos narradoras e escritoras de nossas próprias realidades, autoras e autoridades em nossas próprias histórias.

Imersa em um processo de “redefinição corpórea” (NASCIMENTO, 1989) comprometida com a busca de uma imagem própria e consciente, avesso do esperado por uma lógica colonial, Stela refazia a relação entre corpo, espaço e identidade. Concretizava-se como pessoa nos instantes de falatório, gesto que estreitava os laços com a insubordinação; desvendava o real tateando as estruturas de uma sociedade responsável por aprisioná-la naquele ambiente:

Eu estava com saúde
 Adoeci
 Eu não ia adoecer sozinha não
 Mas eu estava com saúde
 Me adoeceram
 Me internaram no hospital

E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente
O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital.
(PATROCÍNIO, 2001, p. 43).

A internação adoecia-a, agravava o quadro em que se encontrava, conforme nos narra no trecho em destaque. Dentre o seu falatório, percebemos a recorrência de um discurso denunciativo, a apontar e refletir sobre as formas de vida em instituições psiquiátricas: “Estar internada é ficar todo o dia presa/ Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo portão [...]” (PATROCÍNIO, 2001, p. 47); “Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro onde a alimentação era eletrochoque, injeção e remédio [...]” (PATROCÍNIO, 2001, p. 53).

Certa vez, ao ser questionada sobre o que faria se ganhasse dinheiro, respondeu: “Eu ia comprar alimentação e super alimentação pra mim não morrer de fome. Eu tô morrendo de fome”. (PATROCÍNIO, 2001, p.142). Para além das condições precárias de grande parte das instituições onde vidas negras à margem são encarceradas, quais eram as fomes de Stela do Patrocínio? A sua narrativa, sugere a urgência de uma “superalimentação”, uma nutrição completa, possivelmente a única capaz aplacar os seus vazios. Isso nos direciona à interpretação de que, talvez, a palavra cumprisse simbolicamente este papel: conceder sentidos, preencher de significados uma existência marcada por tentativas sistemáticas de esvaziamento subjetivo, que buscavam anular o seu eu das mais diversas maneiras.

A “perlaboração”, conceito freudiano que relaciona o sujeito à sua própria enfermidade, era realizada por Stela quando ela trazia à tona memórias de dor, traumas, quiçá à procura da decifração dos sintomas somáticos e psíquicos (RODOVALHO, 2006, p. 3) que a assolavam. Logo, podemos compreender o falatório como a expressão máxima dessa busca, um ditado no qual as palavras organizavam-se e apontavam mágoas e desejos de uma mulher negra à deriva, flutuando no próprio dizer.

limiar entre quimeras narrativas e banzo

Por vezes, o ato de relatar vivências pode ser lido como uma “tentativa de reconciliação com a própria história segundo Boris Cyrulnik (2009, p. 12), em *Autobiografia de um espantelho: histórias de resiliência, o retorno à vida*. Dessa maneira, a narrativa da memória é capaz de dar coerência ao vivido, em um gesto de cuidado de si, quando o sujeito busca sanar feridas do passado revisitando-as e reconhecendo a causa do que lhe dói no tempo presente. Para Stela do Patrocínio, o falatório cumpria essa função. A narradora recriava universos e compartilhava cenas da própria vida. Seriam quimeras narrativas? Cyrulnik considera que:

A quimera de si é um animal maravilhoso que nos representa e nos identifica. Dá coerência à ideia que temos de nós mesmos,

determina nossas expectativas e nossos pavores. Essa quimera faz de nossa existência uma obra de arte, uma representação, um teatro de nossas lembranças, de nossas emoções, das imagens e das palavras que nos constituem. (CYRULNIK, 2009, p. 13)

Com a explicitação sobre a noção, é possível notar que as quimeras narrativas nos permitem sonhar, manter a chama viva da esperança que precisa queimar no peito para que consigamos prosseguir rumo a (auto)realização. As quimeras se aproximam, por demais, da utopia, um sonho distante, mas possível de ser realizado. Já o falatório, não. Este é preenchido por profundas e justificadas amarguras, dores atroztes e devaneios no afã de aliviar a dor do que sangra.

Embora reunisse em sua voz aspectos relacionados a tais quimeras, como a determinação dos próprios anseios e a criação de um relato de si capaz de restituir vazios existenciais, Stela do Patrocínio sustentava um falatório marcado por certa negatividade. Nesse sentido, o conceito de *banzo*⁵ abordado por Davi Nunes (2018, n.p) torna-se pertinente para pensarmos na reação de Stela à “realidade do racismo estrutural e genocídio vigente” sofridos. O corpo dela era colocado, dessa maneira, em seu estado negativo. O banzo irrompia-lhe como um processo resultante de sua coisificação enquanto mulher negra no mundo, e várias são as passagens que retratam essa condição existencial, constituída por um histórico de abusos:

Tinha terra preta no chão
Um homem foi lá e disse
Deita aí no chão pra mim te foder
Eu disse não
Vou me embora daqui
Aí eu saí de lá vim andando
Ainda não tinha esse prédio
Não tinha essa portaria
Não via tinta azul pelas paredes
A parede ainda não era pintada de tinta azul.
(PATROCÍNIO, 2001, p. 93).

Eu fui agarrada quando eu estava sozinha
Não conhecia ninguém não conhecia nada
Não via ninguém não via nada
Nada de cabeças e corpos
Nada de casa de mundo
Eu não conhecia nada eu era ignorante

⁵ Segundo Nei Lopes, no *Novo Dicionário Banto no Brasil*, tem origem na língua Quicongo, *mbanzu*: pensamento, lembrança; e no Quimbundo, *mbonzo*: saudade, paixão, mágoa. Para ele, ‘Banzo é uma nostalgia mortal que acometia negros africanos escravizados no Brasil.’ Nos dicionários oficiais de língua portuguesa, os dicionários brancos, banzo é definido como saudade da África, ou como forma de adjetivação de pessoa triste, pensativa, atônita, pasmada, melancólica.” (NUNES, 2018, n.p, grifos do autor).

Depois eu fui agarrada pra relação sexual e
pra foder
Depois, só depois eu comecei a ter noção e ficar
sabendo.
(PATROCÍNIO, 2001, p. 94).

Eu já produzi uma criança no colo outra no corpo
Sem eu saber que estava produzindo uma criança/pequena
De tamanho grande e de saúde/ eu também estava com saúde
Era Rio de Janeiro
Ainda era Botafogo
Eu me confundi comendo pão ganhando pão.
(PATROCÍNIO, 2001, p. 96).

Quando eu produzi, que eu pari
Eu estava subindo a escada com uma criança
Eu ainda era clara, branca/Da noite pro dia eu fiquei branca
Ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branca
Eu fiquei preta/ Eu sei que eu tomei cor
Nos gases eu me formei
Eu tomei cor
Aí eu já produzi uma criança no colo
Outra no corpo
sem eu saber que estava produzindo uma criança
pequena.
(PATROCÍNIO, 2001, p. 73).

[...] Eu sei que estou passando mal de boca
Passando muita fome comendo mal
E passando mal de boca
Me alimentando mal comendo mal
Passando muita fome
Sofrendo da cabeça
Sofrendo como doente mental
E no presídio de mulheres
Cumprindo a prisão perpétua
Correndo um processo
Sendo processada
(PATROCÍNIO, 2001, p. 89).

Eu já fui operada várias vezes
Fiz várias operações
sou toda operada
Operei o cérebro, principalmente

Eu pensei que ia acusar
 Se eu tenho alguma coisa no cérebro
 Não, acusou que eu tenho cérebro
 Um aparelho que pensa bem pensado
 Que pensa positivo
 E que é ligado a outro que não pensa
 Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar
 Eles arrancaram o que está pensando
 E o que está sem pensar
 E foram examinar esse aparelho de pensar e não
 pensar
 Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu
 cérebro
 Estudar fora da cabeça
 Funcionar em cima da mesa
 Eles estudando fora da minha cabeça
 Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 61).

Notamos, por meio do acesso às citações em foco, o predomínio da falta, da fome, de violências sexuais e de intervenções médicas na vida de Stela do Patrocínio. A maternidade revela-se como uma surpresa para ela, bem como acabam por ocorrer, também, reverberações no que diz respeito ao pertencimento racial, causando confusão e atordoamento a uma mulher negra consciente de que não nasceu assim, tornou-se. Neusa Souza considera que:

a descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio [...] Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigências, compelida a expectativas alienadas. “Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 17).

Logo, podemos conceber o banzo, para além das acepções melancólica e inerte atribuídas à palavra, como uma força que ressurge no falatório de Stela reagindo a uma internalização de longos períodos de humilhação e frustração sentidas pela narradora.

A reação ao sofrimento, em uma primeira instância, era materializada na forma de seu falatório. Stela transformava em energia criativa toda a opressão vivida, vingando-se, através da palavra, de uma sociedade comprometida com o silenciamento de negros e negras. Ativamente, acionava as suas forças e volvia o pensamento para a construção de significados mediada pela fala. Mas há algo a se pensar quando, cessada a euforia do falatório, Stela do Patrocínio expressa aspectos letárgicos em seu cotidiano, explicitando o desgosto com a sua existência.

Acompanhemos algumas passagens do livro que explicitam, também, certo desgosto e desânimo:

Me transformei com esse falatório todinho
Num homem feio
Mas tão feio
Que não me aguento mais de tanta feiura
Porque quem vence o belo é o belo
Quem vence a saúde é outra saúde
Quem vence o normal é outro normal
Quem vence um cientista é outro cientista
(PATROCÍNIO, 2001, p. 135).

Eu já não tenho mais voz
Porque já falei tudo o que tinha pra falar
Falo, falo, falo, falo o tempo todo
E é como se eu não tivesse falado nada
Eu sinto fome e matam minha fome
Eu sinto sede e matam a minha sede
Fico cansada falo que tô cansada
Matam meu cansaço
Eu fico com preguiça matam minha preguiça
Fico com sono
Quando eu reclamo
(PATROCÍNIO, 2001, p. 134).

Não sou eu que gosto de nascer
Eles é que me botam para nascer todo dia
E sempre que eu morro me ressuscitam
Me encarnam me desencarnam me reencarnam
Me formam em menos de um segundo
Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde
eu estiver
Para estar olhando pro gás pras paredes pro teto
Ou para cabeça deles e pro corpo deles
(PATROCÍNIO, 2001, p. 71).

Eu já falei em excesso em acesso muito e demais
Declarei expliquei esclareci tudo
Falei tudo o que tinha pra falar
Não tenho mais assunto, mais conversa fiada
Já falei tudo
Não tenho mais voz pra cantar também
Porque eu já cantei tudo que tinha pra/ cantar
Eu cresci engordei tô forte
Tô mais forte que um casal
Que a família que o exército que o mundo
que a casa
Sou a mais velha do que todos da família.
(PATROCÍNIO, 2001, p. 141).

De acordo com Nunes (2018, n.p), o banzo atravessa a história de sujeitos negros na diáspora, podendo ser caracterizado como um sentimento capaz de implodir e explodir. Algumas dessas explosões são “[...] arte heroica: o jazz, chorinho, blues e rap, outras são implosões a se perderem no buraco negro e plácido da existência, numa escuridão boa, consoladora, ancestral, ou mesmo no grito solitário de desespero e morte”. Ao reconhecer as engrenagens de um sistema que mortificava o seu eu, matando a sua fome, o seu sono e até mesmo o seu cansaço e, em seguida, aderir a um silêncio profundo, constatando que tudo já havia sido dito através de seu falatório, Stela do Patrocínio passava a manter “um estado de alma que não lhe fazia funcionar para uma estrutura de opressão” (NUNES, 2018, n.p).

Exausta de tanto dizer em sucessivas explosões de falatório, a narradora ansiava, conforme apontam os trechos anteriores, demorar-se na implosão do próprio mutismo. O negativo do falatório não deve ser lido como sinônimo de passividade, pois mesmo em silêncio, Stela travava uma luta interna e externa. Nutrimos a concepção de que nesse gesto havia, sobretudo, uma recusa em permanecer “[...] botando o mundo inteiro pra gozar e [continuar] sem gozo/nenhum. (PATROCÍNIO, 2001, p. 117). Ao que tudo indica Patrocínio (2001) logo percebeu que poesia para nós mulheres negras nunca foi luxo como declara Audre Lorde. A poesia sempre “faz algo acontecer” (LORDE, 2020, p. 106).

Como muitos de nossos antepassados escravizados, enlouquecer, emudecer, sob o crivo de um sistema opressivo, também era uma forma de descontrolar, essa ordem. O silêncio também pode ser ação. Envolta em sua própria fortaleza de silêncios e recusas, Stela do Patrocínio contemplava e catava os pedaços uma imagem cindida pelo racismo e seus derivados, à procura de uma dignidade existencial (NUNES, 2018) situada para além materialidade da vida: a ancestralidade.

considerações finais

As memórias da ordem do traumático compartilhadas por Stela foram frutos de vivências ininterruptas de dor, de (re)sentimento. A aposta e investimento dela parece ter sido o de narrar até a exaustão, mesmo em face das mais diversas e contínuas adversidades. A fala só cessa, só estanca após uma mutilação final pois, antes desse acontecimento fatídico, o corpo negro de Stela do Patrocínio já enfrentava frequentes cortes, sobrevivendo à rupturas físicas e subjetivas. Os danos dessas violências eram-lhe externos e internos à carne, conforme nos relata em seu falatório.

Neste trabalho, alimentamos a ideia de que esse falatório era um modo particular de atribuir sentido aos possíveis eventos traumáticos sofridos. O labor com palavra, por muitos anos, ocupou o centro da sua busca pelo entendimento e pela resignificação dos afetos. Assim, Stela cuidava das próprias feridas, disposta a suturar com a voz, com escrita, e até mesmo com o silêncio, as chagas causadas pelos entrecruzamentos das violências de gênero e de raça principalmente. Considerando a vivência traumática como “uma espécie de ferida da memória”,

“vivência da dor” (FREUD, 2010), teria Patrocínio conseguido estancar e fechar as feridas abertas e dilaceradas ao longo da sua existência?

É notável o fato de que narrar-se auxilia na reconstrução da história pessoal, na apropriação de si. O campo da palavra mostra-se, portanto, fundamental em processos de (re)ver-se, (re)elaborar-se e (re)fazer-se. Nisso destacamos a urgência de acessar e de compartilhar o falatório de Stela para que novas perspectivas sobre as jornadas dessa importante intelectual negra ganhem uma maior ressonância. Quantas Stelas ainda se encontram anônimas, enclausuradas nas mais diferentes instituições totais? Que legados, ricos, complexos e diversas aprendizagens podemos acessar com essas mulheres negras e seus saberes-dizeres?

Trazê-la à tona significa legitimar e difundir o seu compromisso com a interpretação do mundo, com a decodificação de si mesma. A sua narrativa organiza um entendimento ético e estético da (des)construção de corpos negros na diáspora, vocalizando uma ancestralidade que conecta mulheres e homens negros imersos em um gesto secular de autorrecuperação (hooks, 2019). O seu lugar de enunciação é o lugar de quem faz justiça com as próprias mãos, com o próprio corpo e discurso.

referências bibliográficas

ANTONELLO, Diego; GONDAR, Jo. A escrita do traumático (The writing of the traumatic). *Estudos da Língua(gem)*. v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/view/306>. Acesso em 15 dez. 2020.

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BUTLER, Judith. Vida precária, vida passível de luto. In: BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. pp. 13-55.

CYRULNIK, Boris. *Autobiografia de um espantalho: histórias de resiliência, o retorno à vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, v. 10*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 145-157.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

hooks, bell. erguer a voz. In: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante, 2019a. pp. 31-39.

hooks, bell. sobre a autorrecuperação. In: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante, 2019a. pp. 73-84.

hooks bell. heranças estéticas: a história feita à mão. In: hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e política cultural*. São Paulo: Elefante, 2019b. pp. 230-243.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. pp. 49-54.

LORDE, Audre. Poesia não é um luxo. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução Stephanie Borges. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. pp. 45-50.

LORDE, Audre. A poesia faz algo acontecer. In: LORDE, Audre. *Sou sua irmã: escritos reunidos*. São Paulo: Ubu, 2020. pp. 106-109.

MOSÉ, Viviane. Stela do Patrocínio: uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica. In: PATROCÍNIO, Stela. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue, 2001.

NUNES, Davi. Banzo: *Um estado de espírito negro*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espírito-negro/>. Publicado em 30 abr. 2018. Acesso em: 16 dez. 2020.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 13, n. 135, 1999. pp. 40-45. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-da-mulher-negraisildinha-b-nogueira.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PATROCÍNIO, Stela. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue, 2001.

RODOVALHO, Joselita Rodrigues. *Perlaboração (durcharbeitung*) um modo de resiliência (resilience) psíquica?* Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/175563004/Joselita-Rodrigues-Rodvalho-Resilencia>. Acesso em: 15 dez. 2020.

RODRIGUES, Ana Maria Baía; PANTOJA, Augusto Sarmiento. As estratégias da memória perante o trauma. In: RODRIGUES, Ana Maria Baía; PANTOJA, Augusto Sarmiento. *Literatura e Autoritarismo: Dossiê Literatura de Minorias e Margens da História*. Dossiê n. 4, 2008. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/art_03.php. Acesso em 15 dez. 2020.

SANTIAGO, Ana Rita (Org.). *Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro*. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017.

SOARES, Hugo Leonardo Rodrigues; GONCALVES, Hérica Cristina Batista; WERNER JUNIOR, Jairo. Esquizofrenia hebefrênica: psicose na infância e adolescência. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, pp. 239-240, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000100017#:~:text=A%20esquizofrenia%20hebefr%C3%AAAnica%20%C3%A9%20uma,e%20imprevis%C3%ADvel%3B%20existem%20freq%C3%BCentemente%20maneirismos. Acesso em: 16 dez. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983. ANDRADE, Mário de. Tristão de Ataíde (1931). In: SOUZA, Neusa Santos. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1974, pp. 7-25.